



SEÇÃO: ARTIGO

Aluno-trabalhador: educação, conhecimento, saberes e trabalho

Worker-student: education, knowledge, practical knowledge and work

Estudiante-trabajador: educación, conocimiento, saberes y trabajo

**Raimundo Barbosa da
Silva Filho¹**

orcid.org/0000-0003-3001-7287
prof.barbosa001@gmail.com

**Ronaldo Marcos de
Lima Araujo²**

orcid.org/0000-0002-5982-793X
rlima@ufpa.br

**Ana Maria Raiol da
Costa³**

orcid.org/0000-0003-2588-9507
anaraioldavi@gmail.com

Recebido em: 5/6/2018.

Aprovado em: 21/3/2020.

Publicado em: 07/01/2021.

Resumo: O texto apresenta reflexões acerca do aluno-trabalhador e sua relação com o trabalho, com a educação e com os saberes, sobretudo a partir do olhar do conhecimento desenvolvido dentro e fora do ambiente escolar. Faz-se mister ressaltar que o tema sobre trabalho e educação, para ser compreendido de forma mais ampla e dialética, precisa ser visto em um contexto que envolva também as várias situações socioeconômicas que participa. Nesse caso, apresentamos em nossos apontamentos um conjunto de fatores relacionados a diversos contextos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica no sentido de reunir, a partir de estudos desenvolvidos na área, análises e reflexões que possam contribuir para a ampliação do debate acerca do tema. Ao final faz-se, com base na literatura estudada, algumas considerações sobre a importância que tem os saberes na vida profissional do aluno-trabalhador e como esses saberes são explorados pelo capital.

Palavras-chave: Aluno-trabalhador. Saberes. Trabalho. Educação. Capital.

Abstract: The text presents thoughts about the worker-student and his or her relation to the work, to the education and practical knowledge. Above all, from the look of knowledge developed in and out of the school environment. It is important to highlight that the theme about work and education to be understood more broadly and dialectically, it needs to be seen in a context that also involves several socioeconomic situations in which it takes part. In that case, we present in our thoughts a group of factors related to diverse contexts. Therefore, a bibliographic research was carried out in order to gather - from studies developed in the field - analyses and thoughts that can contribute for the increase of the debate about the theme. In the end, based on the literature studied, some consideration about the importance that the practical knowledge has in the professional life of the worker-student and how practical knowledge is exploited by capital was made.

Keywords: Worker-student. Practical Knowledge. Work. Education. Capital.

Resumen: El texto presenta una reflexión concerniente al estudiante-trabajador y su relación con el trabajo, con la educación y los saberes, por encima de todo, desde la mirada del conocimiento desarrollado dentro y fuera del entorno escolar. Es necesario señalar que el tema sobre trabajo y educación, para que lo sea comprendido más amplio y dialécticamente, tiene que serlo visto en un contexto que también involucra diversas situaciones socioeconómicas que participa. En ese caso, presentamos en nuestras reflexiones un conjunto de factores relacionados con los diferentes contextos. Por lo tanto, se realizó una investigación bibliográfica para recoger - a partir de estudios desarrollados en el campo - análisis y reflexiones que puedan contribuir al incremento del debate sobre el tema. Al final, con base en la literatura estudiada, se hicieron algunas consideraciones sobre la importancia que tiene el conocimiento práctico en la vida profesional del estudiante-trabajador y cómo el conocimiento práctico es explotado por el capital.

Palabras clave: Estudiante-Trabajador. Saberes. Trabajo. Educación. Capital.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP, Brasil.

² Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil.

³ Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC), em Belém, PA, Brasil.

"Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros"

(Paulo Freire)

Introdução

O texto a seguir apresenta questões que possibilitam ampliar as discussões acadêmicas acerca do tema educação e trabalho. A experiência do aluno-trabalhador no espaço escolar – conhecimento científico, e fora dele – conhecimento tácito, devem ser considerados por todos que fazem parte da educação do aluno-trabalhador no momento do seu aprendizado, pois o trabalhador ainda que de forma assistemática produz conhecimento.

Para embasar este artigo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, reunindo, a partir de estudos desenvolvidos na área, análises e reflexões que possam contribuir para a ampliação do debate acerca do tema. Iniciou-se com uma revisão bibliográfica comum a todas as pesquisas científicas. Autores especializados explicam que é importante que essa revisão seja bem executada e confiável de forma sistemática e de modo compreensivo (WEBSTER; WATSON, 2002). Deve ser consistente para definir a linha limítrofe da pesquisa que se deseja desenvolver. É preciso definir os tópicos-chave, autores, palavras, periódicos e fontes de dados preliminares (DANE, 1990). Com caráter exploratório, é desenvolvida com base em material como livros, artigos e teses (GIL, 2007), deve ser conduzida de forma sistemática e rigorosa, contribuindo para uma base sólida de conhecimento teórico em áreas onde já existem pesquisas, e proporcionar possibilidades para novas pesquisas (WEBSTER; WATSON, 2002).

Nesse sentido, destacamos os estudos de Aranha (2000), Araujo (1999), Arroyo (2001), Charlot (2000), Dourado (2007), Freire (2005), Frigotto (2002), Gentili (2008), Marx (2005), Kuenzer (2006), Saviani (2004), Schwartz (2003), entre outros que contribuíram significativamente para a construção deste texto.

No desenvolvimento do tema, discorre-se que o aluno-trabalhador faz parte do sistema

produtivo ou está temporariamente fora dele. Ele tem como característica principal o "trabalho desqualificado". As suas atividades profissionais são precárias, de grande rotatividade e com baixa remuneração. Essa é uma característica em todos extratos sociais, agravando-se ainda mais nas classes mais pobres.

A extrema desigualdade socioeconômica traz para a escola situações que não são de responsabilidade da escola, mas que não devem ser desprezadas no momento de sua avaliação e implementação de políticas públicas. Estudar e trabalhar são realidades no Brasil do aluno-trabalhador e a sua renda pode ser determinante no acesso e na qualidade da educação que ele recebe.

Transformações políticas, sociais e econômicas, privatizações e desregulamentação com repercussão direta no ensino médio, trouxeram a necessidade de novos comportamentos do trabalhador, como rapidez de respostas e criatividade diante de situações desconhecidas, comunicação clara, precisa interpretação, uso de diferentes formas de linguagem, iniciativa, espírito de equipe e sociabilidade. Todas são capacidades agora exigidas pelo mercado de trabalho.

O dia a dia do aluno-trabalhador é uma experiência formadora e o trabalho deve ser pensado como princípio educativo. A escola não pode viver isolada por uma muralha, ela é parte integrante do todo que faz parte a sociedade, uma escola submissa ao capital incorpora princípios econômicos e nega sua própria essência.

Com esta pesquisa, chegou-se a uma reflexão sobre a importância que tem os saberes na vida profissional do aluno-trabalhador e como eles são explorados pelo capital.

Aluno-trabalhador: educação, conhecimento, saberes e trabalho

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 205 afirma que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No artigo 21, define a educação básica como um nível da educação nacional, que

congrega articuladamente as três etapas que estão sob esse conceito: a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. No art. 22 estabelece seus fins: A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1988).

O ensino médio, etapa final da educação básica, oscila entre sua função propedêutica e o atendimento às necessidades do mercado de trabalho vigente e, por muitas vezes, houve tentativa da unificação da sua identidade. E, nesses termos, a escola não consegue cumprir sua função social. A educação capitalista está organizada para esses fins: "Eis porquê, ela precisa ser funcionalista, utilitária e unilateral" (ARRUDA, 1987, p. 66).

Embasado no argumento anteriormente citado, verificou-se a relação "trabalho e educação" que se estabelece no espaço escolar entre os saberes trazidos do mundo do trabalho pelos alunos-trabalhadores e os saberes produzidos por eles no interior da escola, na medida em que se assume uma postura epistemológica e ontológica, indo além do que poderíamos chamar de padrões tradicionais e de superação do distanciamento entre esses saberes. É um tema tratado tanto pela economia política burguesa quanto pela marxista. Nos anos de 1960, "[...] renasce sob o signo da classe trabalhadora com seus intelectuais no processo de construção de um novo projeto hegemônico, do que decorre seu caráter marcadamente político e a imuniza contra acusação de neutralidade" (KUENZER, 1998, p. 11).

A "relação ao saber" é uma relação que um sujeito estabelece com o saber. É uma relação de sentido, logo, de valor. O trabalhador valoriza o que faz sentido para ele e, do mesmo modo, confere sentido àquilo que para ele representa um valor. É, portanto, à singularidade, à subjetividade do trabalhador que devemos nos reportar quando falamos de um sujeito e de sua relação com o saber (SANTOS, 1997, p. 24).

Esse saber deve ser um desafio político e pedagógico, abrindo-se a possibilidades de valorização dos saberes advindo da experiência no

espaço escolar e, além disso, os saberes práticos dos estudantes, obtidos no seu cotidiano.

Epistemologicamente seria reconhecer e valorizar outro tipo de conhecimento para além do conhecimento sistematizado, socialmente valorizado. [...] denominado como conhecimento tácito. [...] o trabalhador, ainda que de forma assistemática, produz conhecimento, elabora um saber sobre o trabalho, que não é apenas constituído de noções de sobrevivência e relacionamento na selva competitiva do mercado de trabalho, mas que é também técnico (ARANHA, 2003, p. 105).

Santos (2003, p. 142) sugere a distinção entre saber e conhecimento apresentando três dimensões:

O saber pode ser entendido como conhecimento formalizado, construído historicamente e socialmente, é o conhecimento científico; O saber tácito, resultante da experiência e das histórias individuais ou coletivas dos indivíduos; Como inconsciente do saber, em que são articulados o sujeito do saber e o desejo de saber, presentes nos atos e escolhas que o sujeito faz, trata-se, muitas vezes de um não-saber, por isso não passível de ser nomeado (SANTOS, 2003, p. 142).

Uma grande maioria dos alunos que estuda no ensino noturno (participante da educação básica) é composta por trabalhadores e tem esta segunda condição como prioridade, uma vez que o contexto social que lhe é típico reafirma sua iminente necessidade de se manter na busca instantânea pela remuneração que, mesmo de forma precária, lhe permite construir minimamente seu espaço de existência (ABDALA, 2004). O aluno-trabalhador tem como perfil fazer parte do sistema produtivo ou estar temporariamente fora dele, produz bens materiais que eles mesmos por muitas vezes não podem consumir. Esse sistema assume caráter contraditório, pois a condição de seu desenvolvimento alicerça-se em desigualdade e injustiça, "[...] a apropriação do objeto manifesta-se a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o trabalhador produzir, tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio do seu produto, o capital" (MARX, 2005, p. 112).

Esse aluno representa em algumas regiões do Brasil, e em todos os países que compõem o terceiro mundo, quase metade da população. Há uma tendência crescente desse perfil, caso continuem as atuais políticas e práticas educati-

vas produtoras do fracasso escolar. Mesmo tendo sua história, sua cultura acumulada e expressa de várias formas possíveis, elas são desrespeitadas, ignoradas e marginalizadas (MOURA, 2007, p. 112).

Observa-se geralmente que o tipo de trabalho realizado pelos alunos-trabalhadores do ensino médio, são trabalhos precarizados, provisórios, simples, pouco produtivos, de baixa remuneração e, que existe uma distância grandiosa entre os objetivos da vida escolar e da vida profissional do aluno-trabalhador.

Talvez a característica mais marcante do aluno do ensino noturno [...] seja sua condição de trabalhador desqualificado e superexplorado ao peso de um salário vil e de uma insuportável dupla jornada de trabalho: a da fábrica, loja ou escritório e a da escola noturna (PUCCI; OLIVEIRA; SGUISSARDI, 1995, p. 31).

Segundo Cury (2000, p. 179) a extrema desigualdade socioeconômica, significa a exclusão histórica de um grande número de estudantes vindos de famílias pobres ou até mesmo miseráveis. Desigualdade medida por instrumentos, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), demonstram que há problemas na escola, e que não são da escola, e por isso mesmo não é desprezível o impacto dessa situação de fato sobre o conjunto do sistema educacional. Se 35 milhões de alunos estão matriculados no ensino fundamental e apenas 9 milhões estão no ensino médio, dos quais 1,8 milhão concluem essa etapa do ensino, é de se perguntar se pode desconsiderar-se a desigualdade socioeconômica como geradora remota das dificuldades próximas que afetam o desempenho intraescolar dos alunos.

Pode-se avaliar a demanda do ensino médio a partir da análise do grau e da série frequentados pelos estudantes. O ensino médio corresponde aos adolescentes de 15 a 17 anos. Observa-se que, em 2001, era grande a demanda nas demais faixas etárias: mais de um terço dos jovens de 20 a 29 anos e 25% das pessoas com mais de 30 anos de idade ainda cursavam o ensino médio. Essa situação reflete diretamente no mercado de

trabalho, que exige escolarização. Mas, conciliar escolarização e atividades profissionais, muitas vezes, pode interferir na frequência e no rendimento escolar do aluno. No Brasil, isso já é uma realidade, cerca de 1/3 dos adolescentes de 15 a 17 anos, e quase a metade dos jovens de 18 e 19 anos de idade, encontravam-se inseridos no mercado de trabalho em 2001, conciliando estudo e trabalho ou somente trabalhando.⁴

Segundo discorre Madeira (2004, p. 82), existe cada vez menos possibilidade de entrada dos jovens no mercado de trabalho formal. Paralelo a essas transformações eles criam novas formas de permanecerem no mercado de trabalho, com base na rotatividade, com maior "propensão de transitar do emprego para o desemprego ou para a inatividade" e, ainda,

Podem-se encontrar jovens com estas características em todos os estratos socioeconômicos, mas eles estão amplamente concentrados em grupos que acumulam múltiplas desvantagens, como baixo nível educacional, minorias étnicas, jovens que moram em lugares distantes dos centros de trabalho, aqueles que convivem com ambientes de transgressão, etc. Ou seja, existe um "núcleo duro" de jovens que acumulam fragilidades sociais e que efetivamente têm dificuldades de entrar e permanecer no mundo do trabalho. Há fortes indícios de que, entre estes jovens, os problemas de empregabilidade tendem a não desaparecer com o tempo, de tal forma que quem acumula este tipo de desemprego está destinado à pobreza. Assim, enfatizam estes estudos, se quisermos efetivamente colaborar para romper o circuito da miséria, o ideal seria que os programas se concentrassem nestes jovens que acumulam desvantagens que comprometem seu futuro e também o do país (MADEIRA, 2004, p. 82, 83).

A renda poderá ser determinante ao acesso à educação do aluno-trabalhador em um padrão de excelência de qualidade educacional. Essa afirmação não quer dizer que se nega as determinações internas que a escola se compromete, pois, qualidade da educação é

Um fenômeno complexo, abrangente e que envolve múltiplas dimensões, não podendo ser apreendido apenas por um reconhecimento da variedade e das quantidades mínimas de insumos considerados indispensáveis ao desenvolvimento

⁴ IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnad>. Acesso em: 21 ago. 2020.

do processo de ensino-aprendizagem, e muito menos, pode ser apreendido sem tais insumos (DOURADO; OLIVEIRA; SANTOS, 2007, p. 6).

No século passado aconteceram muitas transformações políticas, sociais e econômicas em todo mundo. No trabalho, observou-se privatizações, flexibilizações, aumento do desemprego e desregulamentação, com repercussão diretamente no ensino médio a partir das noções de empregabilidade, competências, competitividade, habilidade e qualidade total (GENTILI, 2008). Essa nova exigência do mercado trouxe a necessidade para o aluno-trabalhador de novas habilidades cognitivas e comportamentais:

[...] análise, síntese, estabelecimento de relações, rapidez de respostas e criatividade diante de situações desconhecidas, comunicação clara e precisa interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, capacidade para trabalhar em grupo, gerenciar processos, eleger prioridades, criticar respostas, avaliar procedimentos, resistir a pressões, enfrentar mudanças permanentes, aliar raciocínio lógico-formal à intuição criadora, estudar continuamente, e assim por diante (KUENZER, 2002, p. 86).

Araujo (1999, p. 2) corroborando com esse pensamento chama de "qualidades humanas":

Iniciativa, espírito de equipe, capacidade de comunicação, sociabilidade, criatividade, disposição para aprender, curiosidade, disciplina, motivação, atenção, responsabilidade, estabilidade, confiança, autonomia, capacidade de gerar e se adaptar às mudanças, independência, capacidade de cooperação, lealdade, comprometimento, competitividade, habilidade de negociação, capacidade de pensar, de decidir, etc. (ARAUJO, 1999, p. 2).

O dia a dia da prática do aluno-trabalhador é uma experiência formadora, exige mais que uma postura cartesiana, mais que a busca constante do conhecimento, ele deve criar e recriar suas práticas. "Criam e recriam, pela ação consciente do trabalho, sua própria existência" (FRIGOTTO, 2002, p. 13), "existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros" (FREIRE, 2005, p. 67). Na contramão desse pensamento, segundo Aranha (2000, p. 56), "[...] o capital cria mecanismos através dos

quais o trabalhador, no processo de trabalho, não se percebe como um sujeito que cria que transforma e se autotransforma".

[...] é preciso deixar que suas experiências e saberes trazidos do trabalho invadam o espaço escolar, o que implica considerá-lo par dialético com o professor, sem o qual o processo ensino aprendizagem não acontece, aprender e "ensinar é uma ação do outro que só tem êxito se encontrar o sujeito em construção" (CHARLOT, 2000, p. 26).

A atuação profissional do trabalhador cria saberes, produz e modifica o trabalho. Traz consigo o reconhecimento que o trabalhador é capaz de pensar e que sua atividade não é totalmente imposta ou previsível. Através da ação socializadora das ideias do trabalhador com outro trabalhador, produz novas ideias, favorecendo a legitimação dos saberes advindo da experiência do grupo. Essa produção coletiva e dinâmica constrói e modifica a singularidade da atividade de cada sujeito (SCHWARTZ, 2003).

Há necessidade de se pensar o trabalho como um princípio educativo que potencialize os saberes, criando oportunidade para que esses saberes encontrem espaços de relações com os saberes escolares no sentido de

Construir uma escola onde se aprenda pelo trabalho e não para o trabalho, contrariando a subordinação funcional da educação escolar à racionalidade econômica vigente [...] fazer da escola um sítio onde se desenvolva e estimule o gosto pelo ato intelectual de aprender, cuja importância decorrerá do seu uso para "ler" e intervir no mundo (CANÁRIO, 2008, p. 80).

E de, também, de que:

A escola, como de resto qualquer instituição social, não pode ser pensada como se existisse autônoma e independentemente da realidade histórico-social da qual é parte. Não pode ser pensada como se estivesse isolada por uma "muralha" do conjunto das demais práticas sociais, mesmo quando os saberes transmitidos são vagos, abstratos, assumindo a aparência de independência ante os condicionantes sociais. Ao contrário, a escola é parte integrante e inseparável do conjunto dos demais fenômenos que compõem a totalidade social (FRANCO, 1991, p. 54).

Além disso, verifica-se que,

[...] a identificação dos fins implica imediatamente competência política e mediadamente competência técnica; a elaboração dos métodos para atingi-los implica, por sua vez, imediatamente competência técnica e mediadamente competência política. Logo, sem competência técnica-política não é possível sair da fase romântica (SAVIANI, 2004, p. 64).

Sendo assim, "declaramos que a escola à margem da vida, à margem da política, é falsidade e hipocrisia" (LÊNIN, 1986, p. 61).

A submissão da escola ao modelo capitalista, segundo Kuenzer (2006), tem como objetivo firmar o projeto do novo modelo de produção, cuja principal característica é a flexibilização. Intensifica ainda mais o domínio do capital, constituindo novas formas organizacionais e de gestão do trabalho como resposta às exigências do mercado que marca a acumulação do capital. Nesse sentido a escola incorpora princípios econômicos, o que resulta na negação de sua própria essência e contradiz sua principal atividade de instituição formadora ao gerar condicionantes para a alienação humana, trazendo grandes prejuízos à formação do indivíduo com reflexo direto na sociedade.

Espera-se que as escolas contribuam efetivamente com o aluno-trabalhador no acesso a um conhecimento que revele sua condição de sujeitos de classe, que supera com a sua condição de explorado no modo de produção capitalista, "trata-se de responder ao desafio de criar um sistema educativo em tudo superior ao que o capitalismo foi e é capaz de criar" (ARRUDA, 1987, p. 73).

Schwartz (2003, p. 24) sugere a necessidade de compreender "como nós produzimos a nossa vida na atividade de trabalho". "O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza" (MARX, 1980, p. 202). É "[...] fonte de aquisição de conhecimento, de formação de valores e condutas, nem sempre reforçando a autonomia do trabalhador, mas influenciando decisivamente na sua constituição enquanto cidadão e sujeito histórico-sócio-cultural" (ARANHA, 2003, p. 105). Pode-se afirmar que:

[...] O trabalho, como todos os processos vitais e funções do corpo, é uma propriedade inalienável do indivíduo humano. Músculos e cérebros não podem ser separados de pessoas que os possuem; não se pode dotar alguém com sua própria capacidade para o trabalho, seja a que preço [...] Deste modo, na troca, o trabalhador não entrega ao capitalista a sua capacidade para o trabalho [...] (BRAVERMAN, 1987, p. 56).

A relação social que decorre desse modo de produção (capitalismo x trabalho) é uma relação antagônica em que se confrontam os detentores dos meios de produção e da força de trabalho. Nessa relação, de um lado, os que possuem o capital se apropriam da mais-valia mediante a exploração da força de trabalho; de outro lado, os trabalhadores vendem a sua própria força de trabalho para subsistirem, – porém isto implica em manter a relação de produção estabelecida no capitalismo (FÉLIX, 1989, p. 37).

Na produção do trabalho percebe-se o pensamento relacionado ao capital e ao trabalho. É dessa ligação que se pode definir o homem trabalhador e suas relações em sociedade. Arroyo (2001, p. 1) desafia-nos a incorporar o trabalho à interação com a escola e a atribuir significado a ele a partir do olhar para o trabalho e trabalhador: "Se na pequena pedagogia escolar pouco avançamos, na grande pedagogia do trabalho e da práxis social houve grandes avanços".

Corrochano (2004, p. 441) ao concluir sua pesquisa com alguns operários brasileiros, considera relevantes algumas características ao comentar sobre o valor do trabalho: a) o trabalho era visto positivamente como uma possibilidade de proporcionar a independência pessoal, pois trabalhar significava poder sair da esfera doméstica, relacionar-se socialmente e ter uma renda própria, independente do provedor da sua família; b) dignidade, associada à possibilidade de prover sua família com os meios necessários para sobreviver de maneira honesta; e c) o trabalho como meio de realização pessoal, enfatizado por jovens mais escolarizados, atribuído à idealização de um futuro profissional que proporcionasse prazer e não apenas como um meio de sobrevivência.

Schwartz (2000) apresenta seis ingredientes que constituem as competências da atividade industrial e compõem as aprendizagens advindas das experiências de trabalho:

i) a apropriação do saber formal, codificado e estocado nas normas e regras do trabalho; ii) a singularidade que se constitui nas experiências corporais e espirituais adquiridas no trabalho pelo trabalhador; iii) "uso de si por si mesmo" – é a capacidade de dialética entre os dois primeiros, na medida em que permite o confronto de regra e a tomada de decisões na resolução de problemas; iv) a implicação necessária no trabalho, a dinâmica de singularidade do trabalhador que perpassa a atividade industrial; v) a motivação para a aprendizagem. Favorecem a cooperação entre colegas na realização de tarefas; vi) a capacidade de articulação entre o individual e o coletivo de trabalho, implica em autoavaliação e avaliação dos pares em busca de ajustes das estratégias coletivas de ação (SCHWARTZ, 2000, p. 2124).

Observa-se que as condições para a exploração do aluno-trabalhador só acontecem quando algumas variáveis impostas pelo capital são absorvidas em uma sociedade que atingiu um padrão de subordinação tão grande que é visto quase como uma causa de normalidade. Quanto mais discutirmos as propostas relacionadas ao aluno-trabalhador, menores serão nossas decepções e maiores nossas conquistas de ir buscando um caminho mais promissor para a superação das imposições do capital.

Considerações finais

"Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros" (FREIRE, 2005, p. 67). Essas palavras de Freire descrevem intimamente o que pensamos sobre o saber na escola e fora dela. O tema apresentado pretendeu discutir o aluno-trabalhador e a sua relação entre trabalho, educação e saberes. Essas reflexões são necessárias, apontam que entender o aluno-trabalhador permanece como desafio para nós educadores e que devemos retomar esse debate no campo da educação problematizando-o.

O trabalho constitui-se como um princípio educativo, é uma transmissão e uma apropriação de conhecimentos sistematizados ou não, considerando tanto o conhecimento científico como, também, o conhecimento tácito. É resultado das atividades produtiva e educacional do aluno-trabalhador – suas práticas poderão assumir caráter de exploração de uma classe

por outra, o que reforça ainda mais a dualidade estrutural na educação.

A superação da visão meramente reprodutora de saberes baseados na experiência da escola, do trabalho e no cotidiano considerando as condições materiais, as relações sociais e as situações vividas na relação trabalho e educação, traduz-se na possibilidade de emancipação pessoal e profissional. Nesse sentido o conhecimento deve ser priorizado conforme interesse do aluno-trabalhador, como uma possibilidade emancipatória contra o sistema hegemônico que quer manter *o status quo* a qualquer preço.

Não podemos desvincular o problema escolar do problema político. A escola, por atender a uma demanda que por muitas vezes não é de sua responsabilidade, desgasta-se assumindo funções que matêm a ordem vigente. Esse modelo de escola deve ser superado e agir como um espaço de reflexão, de emancipação, com um olhar histórico-social capaz contribuir para a superação da exploração do aluno-trabalhador.

Referências

- ABDALA, V. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época; vol. 110).
- ARANHA, Antônia Vitória S. Trabalho, subjetividade, educação. **Outras falas: Educação do Trabalhador**, Belo Horizonte, v. 3, p. 55-63, ago. 2000.
- ARANHA, Antônia Vitória S. Relação entre o conhecimento escolar e o conhecimento produzido no trabalho: dilemas da educação do adulto trabalhador. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 103-114, 26 out. 2012.
- ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. As novas "qualidades pessoais" requeridas pelo capital. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, p. 18-34, 1999.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ARRUDA, M. A. Articulação trabalho-educação visando a uma democracia integral. In: GOMEZ, Carlos Minayo et alii. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1987. p. 61-74.
- BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Força de trabalho. In: BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 3. ed. Rio de Janeiro, 1987. p. 49-60.
- CANÁRIO, Rui. A escola: das "promessas" às "incertezas". **Educação Unisinos**, v.12, n.2, p. 73-81, ago.2008.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação Básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 168-200, set. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 26 dez. 2016. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008000010>

DANE, F. **Research methods**. Brooks/Cole Publishing Company: California, 1990.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J. F.; SANTOS, C.A. **A qualidade da educação**: conceitos e definições. Brasília, DF: Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. p. 5-34. (Série Documental: Textos para Discussão, v. 24, n. 22).

FÉLIX, Maria de Fátima Costa. **Administração escolar**: um problema educativo ou empresarial? São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FRANCO, L. A. de C. **A escola do trabalho e o trabalho da escola**. 3.ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; Vol. 22).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002. p. 11-27.

GENTILI, P. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. *In*: FRIGOTTO, G. (org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. 9.ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. p. 76-99. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

Gil, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 2007.

LENIN, V. I. **O estado e a revolução**. São Paulo, Hucitec, 1986.

LENIN, V. I. **A instrução pública**. Moscou, Progresso, 1981.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **Os alunos jovens e adultos que buscam a Educação de Jovens e Adultos**: quem são e o que buscam na escola. [S. l.: s. n.], 2007. escolar2007.

KUENZER, Acácia Zeneida. As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. *In*: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 33-57.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão Incluyente e Inclusão Excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. *In*: LOBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luis (org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2002. p. 77-95. (Coleção educação contemporânea).

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de; SGUISSARDI, Valdemar. **O ensino Noturno e os trabalhadores**. 2. ed. São Carlos: EDUFSCar, 1995.

SANTOS, Eloisa Helena. Trabalho prescrito e real no atual mundo do trabalho. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, n.1, fev./jul.1997. p. 13-27.

SAVIANI, Dermeval. Educação. **Do senso comum à consciência filosófica**. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e saber. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.21-24, jan./jun.2003.

WEBSTER, J.; Watson, J.T. Analyzing the past to prepare for the future: writing a literature review. **MIS Quarterly**, Minneapolis, Minn., US, v. 26, n. 2, p. xiii-xxiii, June, 2002.

Raimundo Barbosa Da Silva Filho

Mestrado Acadêmico em Currículo e Gestão da Escola Básica pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, PA, Brasil; professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em Macapá, AP, Brasil.

Ronaldo Marcos De Lima Araujo

Pós-doutoramento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; professor titular da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, PA, Brasil.

Ana Maria Raiol Da Costa

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, PA, Brasil; professora da educação básica pela Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC), em Belém, PA, Brasil.

Endereço para correspondência

Ronaldo Marcos de Lima Araújo

Universidade Federal do Pará

Instituto de Ciências da Educação (ICED)

Departamento de Fundamentos da Educação (DFE)

Rua Augusto Corrêa, 01

Guamá, 66075110

Belém, PA, Brasil